



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



**NOVA YORK, 10 DE MAIO DE 1999**

Tenho grande satisfação de estar aqui e de me dirigir a este distinto grupo a propósito de temas de política econômica.

Esta noite, gostaria de falar-lhes sobre progresso e perseverança, sobre propósito comum e bom senso, sobre os êxitos da economia brasileira e o compromisso do Governo brasileiro – e, o que é mais importante, do povo brasileiro – de continuar esses êxitos.

Falarei francamente sobre os desafios que enfrentamos e sobre as soluções que buscamos.

Nas últimas décadas todos nós aprendemos muitas lições. Uma delas é a de que não há motor mais importante para a estabilidade e para o desenvolvimento social do que o crescente consenso global em favor de boas políticas econômicas.

Esse novo enfoque, em seu sentido primeiro e mais importante, representa um compromisso com processos que funcionem.

As mais ambiciosas teorias e ideologias de todo matiz foram varridas – se posso ampliar a frase de Schumpeter – por ventos de destruição criativa intelectual. Mesmo as faculdades de economia parecem agora valorizar a pesquisa prática.

E ter uma atitude prática com relação aos problemas é essencial para um país como o Brasil onde muitas das tarefas que devemos realizar tem que ser atacadas com um profundo sentido de urgência.

Mas sabemos que a urgência nos problemas sociais não pode nunca ser um pretexto para políticas econômicas irresponsáveis, que só contribuem para piorar os problemas.

No Brasil, alcançamos um considerável progresso econômico nos últimos anos, sobretudo porque aplicamos as políticas econômicas corretas. Nada de sonhos de soluções de facilidade ou de atalhos mágicos. Em vez disso, temos procurado manter em boa condição os aspectos básicos da economia – reforma fiscal e política monetária forte, investimentos de longo prazo em capital humano e maiores oportunidades, liberalização das regras de comércio e descentralização dos processos de decisão.

Em um momento em que os mercados modernos vinculam os nossos destinos e as nossas fortunas, é preciso que o mundo saiba mais sobre o êxito alcançado pelo povo do Brasil.

Nos últimos cinco anos, derrubamos a inflação e a mantivemos sob controle. Em 1994, quando os Senhores ainda nem sonhavam em ter o índice Dow Jones na marca dos 10 mil pontos, nossa taxa de inflação subia a mais de 40% ao mês.

Os tempos mudaram.

Começamos por romper o ciclo da espiral inflacionária, da queda do poder aquisitivo e de demandas persistentes de proteção contra os aumentos de preço. O Plano Real funcionou. Pusemos fim à cultura da indexação. A estabilidade está trazendo profundos benefícios aos brasileiros, especialmente aos mais pobres.

Na semana passada, a Cepal publicou um estudo que confirma que a pobreza no Brasil está recuando. Entre 1990 e 1996, o número absoluto de pessoas com renda mensal inferior a 50 reais (cerca de 35 dólares) caiu de 33 milhões para 21,4 milhões. O número de pessoas com menos de 100 reais mensais reduziu-se de 67,5 milhões para 55 milhões. De 1993 a 1996, a proporção de domicílios pobres caiu de 37,1% para 28,6%.

Esse é um dos resultados mais importantes do Plano Real. Brasileiros que antes estavam excluídos do mercado de consumo passaram a ter acesso a bens e serviços com os quais antes só podiam sonhar.

As dificuldades enfrentadas no período mais recente, em função das turbulências internacionais, tornaram o progresso social mais difícil.

Mas a tendência predominante está fora de dúvida: o povo brasileiro está se beneficiando amplamente com a estabilidade econômica e se beneficiará ainda mais no futuro.

Como demonstrado pelos dados estatísticos, não há contradição entre progresso social e eficiência econômica. Nós buscamos o êxito econômico em nome da justiça social.

Realizamos, preventivamente, uma reforma de nosso setor financeiro já há alguns anos. Isso resultou ser extremamente importante, não apenas para o Brasil, mas também para o sistema financeiro global.

Impulsionamos e continuamos a impulsionar as reformas estruturais.

Liberalizamos as regras de comércio e estamos conduzindo, com êxito, um dos maiores programas de privatização de todos os tempos, provavelmente o maior da história do capitalismo.

Precisamente por causa da correção de nossas políticas, o otimismo que sentimos quanto ao nosso futuro está acendendo uma renovada confiança no Brasil além de nossas fronteiras.

O Brasil está atraindo níveis sem precedentes de investimento estrangeiro. A maioria das principais empresas transnacionais estão estabelecidas no Brasil. Empresas internacionais têm anunciado novos investimentos.

Sabemos, tanto quanto outros, que a prosperidade do Brasil dependerá de estarmos vinculados, e não isolados dos processos financeiros do mundo.

No entanto, no ano passado, o Brasil viu o seu processo ameaçado pelo “contágio” da crise russa, que por sua vez era um desdobramento da “gripe” asiática.

Sabíamos que enfrentávamos aí uma situação séria, em parte por nossos próprios problemas internos, em parte por causa de fatores

exógenos sobre os quais tínhamos pouco ou nenhum controle. Sabíamos que estávamos enfrentando um desafio que não estava limitado ao Brasil, mas que refletia em ampla medida problemas enraizados na estrutura do atual sistema financeiro internacional.

Quero falar-lhes sobre como o Brasil reagiu a esse desafio e sobre como estamos conseguindo superá-lo.

Antes, porém, gostaria de compartilhar com os Senhores e Senhoras algumas de minhas preocupações com relação ao aspecto internacional das recentes turbulências.

Os mercados tendem a recompensar as economias cujos elementos fundamentais estão fortes. E elementos fundamentais fortes exigem políticas corretas aplicadas rigorosamente ao longo do tempo.

Para que uma democracia possa aplicar essas políticas, elas necessitam que o apoio do povo se mantenha a longo prazo. No entanto, enquanto as políticas corretas exigem mais paciência, os mercados financeiros vão se tornando mais impacientes. A cada segundo de cada dia útil, fazem-se juízos sobre o desempenho do país, às vezes apressadamente, às vezes impulsivamente.

Pode-se perguntar: como conciliar as reações de curto prazo dos mercados com os interesses de longo prazo das economias e das democracias?

Essa pergunta é extremamente complexa, e ganhou particular relevo em razão dos eventos dos últimos meses.

Um ponto-chave do novo enfoque econômico é a necessidade de desenvolver políticas estáveis voltadas para o médio-prazo. O futuro não está mais em sonhos de transformação revolucionária ou em intermináveis pacotes de estímulo de curto prazo ou em controles de preço.

É necessário que o público compreenda, apoie e participe dos enfoques bem-sucedidos.

Para uma política econômica saudável, que deve necessariamente ver as coisas em perspectiva de longo prazo, o mero assentimento transitório não é suficiente.

No entanto, à medida que se expande o horizonte de tempo na política, observamos precisamente a crescente volatilidade do capital.

O capital financeiro movimenta-se com rapidez e sem fricção, limitado apenas pela velocidade das conexões de Internet dos operadores de mercado.

Quero salientar, contudo, que minhas preocupações não farão irromper políticas irresponsáveis ou de estilo populista na calada da noite.

Minhas preocupações vêm das reflexões de um homem que já viu o lado bom, o lado ruim e as variações imprevisíveis do pensamento do mercado financeiro.

Mas voltemos a janeiro. Tínhamos, de fato, enfrentado alguns revezes no plano fiscal, que se revelaram momentâneos. Nossa déficit de transações correntes se ampliava, apesar da desaceleração da economia.

Mas estávamos tratando dos problemas reais de forma lúcida.

E então veio o “vírus”. Como numa mensagem de correio eletrônico com o vírus “Chernobil”, a “teoria do contágio” ameaçava varrer em um instante o que havíamos construído ao longo de vários anos.

O medo era simples: poderia haver um desastre, o vírus poderia difundir-se e, então, seria cada um por si.

A cada semana, as previsões se tornavam mais obscuras: temiam-se alta inflação e profunda recessão. De repente, o Brasil estava no centro da tela do radar. Capas de revista, grupos de conversa na Internet, seminários na área financeira – todos se voltavam para a “crise no Brasil”. Mas nos soubemos responder com presteza e com determinação.

Com o apoio firme do Congresso, as medidas necessárias foram adotadas.

Aplicamos fortes medidas restritivas no plano fiscal e negociamos um amplo acordo internacional.

Pode ser difícil, às vezes, para pessoas em outros países, por mais que sejam bem informadas, compreender a dimensão dos esforços realizados pela sociedade brasileira.

Mas quero dar-lhes uma idéia. Imaginem se os Estados Unidos estivessem à beira de uma recessão e que, ainda assim, o Congresso precisasse aprovar um aumento de impostos de cerca de 250 bilhões de dólares. É dessa magnitude o esforço que estamos fazendo no Brasil.

No momento atual, a confiança está se recuperando.

Após alcançar um recorde de baixa de cerca de 2 reais e 20 centavos por dólar, o Real vem se recuperando de forma constante e está agora, novamente, na faixa entre 1,70 e 1,60 por dólar.

O sistema bancário atravessou a tempestade, em grande medida graças às reformas que havíamos realizado.

Assim, o impacto da mudança no regime cambial foi menor do que o que se temia inicialmente. As previsões de inflação estão sendo revisadas para baixo a cada semana.

A disciplina fiscal segue firme, e seguirá firme.

Estamos tomando empréstimos com êxito nos mercados internacionais. Nunca houve qualquer risco de moratória da dívida interna.

Ao longo desse processo, alcançamos maior disciplina fiscal ao mesmo tempo em que soubemos preservar os nossos objetivos na área social.

Não nos esquecemos, nem por um segundo, da razão pela qual estamos nos esforçando para equilibrar as contas: para promover um ambiente favorável ao crescimento econômico, o que é essencial para criar empregos e para assegurar maiores oportunidades para todos os brasileiros, especialmente os mais pobres.

Fomos capazes de fazer isso porque contamos com a confiança e a coragem do povo brasileiro. Os consumidores brasileiros, que têm a memória dos desastres da inflação descontrolada, mostraram que compartilham o nosso compromisso inamovível com a estabilidade de preços.

Sabemos que estamos no caminho certo. Mas posso assegurar-lhes que não existe o menor perigo de qualquer tipo de euforia em meu governo.

O Brasil se mantém alerta. Um mecanismo de metas de inflação, a ser plenamente estabelecido ao longo deste ano, será a âncora da política econômica.

Continuaremos a promover a disciplina fiscal, em todos os níveis de governo. Isso é fundamental e o Governo está plenamente consciente disso. O fato de que o capital estrangeiro está retornando ao Brasil não é razão para que sejamos complacentes.

Os resultados alcançados no primeiro trimestre deste ano demonstram claramente a nossa determinação. Nesse período, o Orçamento do Governo Federal – compreendendo o Tesouro, o Banco Central e a Previdência Social – teve um superávit acima do que era esperado, de cerca de 7 bilhões de reais. Faremos tudo o que for necessário para continuar nesse caminho.

E continuaremos a avançar nas reformas estruturais.

A Lei de Responsabilidade Fiscal, a reforma tributária, a continuação da reforma da previdência e da privatização – todas essas são mudanças em andamento, e tencionamos realizá-las com energia.

Essa mudanças não se concluirão ontem, como os mercados impacientes poderiam talvez desejar. Mas é bastante claro para quem tenha os olhos abertos para o que está ocorrendo no Brasil que o impulso de mudança é forte e irreversível.

Manteremos a inflação sob controle. Isso não é negociável.

E já estamos colhendo os benefícios da perseverança.

Recentemente, o Tesouro lançou 3 bilhões de dólares em títulos, dos quais 2 bilhões em *cash* e 1 bilhão em troca de títulos de maturação a curto prazo.

As empresas privadas também começaram a recuperar o acesso ao financiamento internacional por meio de lançamentos de títulos com êxito.

Nossa posição em matéria de créditos comerciais internacionais também está se recuperando. Ainda se fará sentir o seu pleno impacto sobre os resultados da balança comercial, e estamos certos de que esses resultados melhorarão nos próximos meses.

Estima-se que o déficit de transações correntes em 1999 será inferior ao volume de investimento estrangeiro direto recebido.

O investimento direto estrangeiro continua sem interrupção. No primeiro trimestre, tivemos um volume de mais de 7 bilhões de dólares. No período de 12 meses terminado em março último, o total de investimento estrangeiro direto alcançou a cifra impressionante de 31 bilhões de dólares.

Temos todas as razões para acreditar que a retração de nossa economia este ano será muito menor do que os 3,5% previstos em nosso

acordo com o FMI. Espera-se que, para o final do ano, já teremos retomado o crescimento. Em termos trimestrais, no fim do ano, o PIB brasileiro estará em nível superior ao do final de 1998.

A privatização está avançando e os resultados mais recentes dão-nos razões adicionais para sermos otimistas.

As taxas de juros já estão caindo, e isso é essencial para a retomada do crescimento.

Estamos, portanto, preparados para um novo ciclo de crescimento econômico sustentado, com base na estabilidade e nas reformas estruturais.

A integração na economia mundial é crucial para os nossos projetos. Isso exige conhecimento e informação. E o conhecimento é a palavra-chave em minha mensagem final aos senhores. Quando sabemos o que estamos fazendo, quando sabemos que estamos no caminho certo, queremos que o mundo todo saiba disso.

Isso é precisamente o que acontece no Brasil.

No final deste milênio, há uma história notável e positiva para ser contada sobre as Américas.

A democracia se fortalece.

Não temos guerras, ao contrário do que ocorre em outros continentes.

Não temos conflitos regionais não-resolvidos.

Estamos trabalhando pela integração dentro e fora de nossa região.

O Brasil sabe que é e deve ser um ator importante nessa história.

Somos uma das dez maiores economias do mundo e a primeira da América Latina. Produzimos mais de 1,5 milhão de carros no ano passado e nossa colheita de grãos em 1998/1999 ultrapassa os 83 milhões de toneladas, a maior de nossa história.

Somos o 11º-maior mercado para a exportações norte-americanas. Em 1998, os EUA exportaram mais de 15 bilhões de dólares para o Brasil.

Empresas norte-americanas são investidoras tradicionais em setores-chave de nossa economia. Tudo isso são evidências da sólida parceria entre o Brasil e os EUA.

Uma parceria que se constrói com base no respeito mútuo, nos valores compartilhados e nos interesses convergentes.

Cada um de nossos países tem a ganhar com a prosperidade do outro.

Uma economia vigorosa nos EUA é um fator importante para o crescimento no Brasil. Um Brasil forte oferece aos EUA melhores oportunidades de negócios.

Temos todas as razões para acreditar que essa parceria será uma das mais destacadas histórias de êxito do século XXI.

Uma história de liberdade, pluralismo e desenvolvimento econômico.

Não estamos presos a ideologias rígidas, à esquerda ou à direita.

Quero assegurar-lhes que não permitirei que qualquer tipo de complacência se insinue no cenário brasileiro. Estamos dedicados a mudar de forma definitiva nossos regimes fiscal e monetário.

Com esses alicerces, o novo século será um tempo de crescente prosperidade para todos os brasileiros. Um tempo de novas tecnologias, de novos padrões de relação entre os países e de níveis sem precedentes de desenvolvimento.

Acredito haver-lhes dado elementos que demonstram que o Brasil está bem preparado para preservar a estabilidade econômica e para continuar no caminho do crescimento e de maior justiça social.

Queremos ser um dos protagonistas dessa nova era, e nos estamos preparando para isso.

Muito obrigado.